TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TOCANTINÓPOLIS¹

Kamilah Borges Pimentel², Eva Teresinha de Oliveira Boff³, Mayrhon José Abrantes Farias⁴, Lisiane Costa Claro⁵, Bruno Fernandes Antunez⁶

¹ Trabalho de conclusão de curso.

² Professora, Graduada em Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Tocantins (UFT), kamilahborgespimentel@gmail.com - Tocantinópolis/TO/Brasil.

³ Professora, Doutora em Educação, Docente do Curso de Pós Graduação em Educação nas Ciências (UNIJUÍ), evaboff@unijui.edu.br - Ijuí/RS/Brasil.

⁴ Professor, Doutor em Educação Física, Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Membro do Núcleo de Investigação Multidisciplinar em Educação Física (NIMEF), mayrhon@mail.uft.edu.br - Tocantinópolis/TO/Brasil.

⁵ Professora, Doutora em Educação Ambiental, Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), lisiane.claro@mail.uft.edu.br - Tocantinópolis/TO/Brasil.

⁶ Professor, Mestre em Educação Física, Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Membro do Núcleo de Investigação Multidisciplinar em Educação Física (NIMEF), Discente do Curso de Doutorado em Educação nas Ciências (UNIJUÍ), brunoantunez@uft.edu.br - Araguaína/TO/Brasil.

INTRODUÇÃO - O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento no qual ocorrem limitações de comunicação, interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados juntamente com interesses restritos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Nenhum indivíduo com TEA é igual ao outro, cada um possui um grau diferente, isto dependerá de suas necessidades de dependência e/ou independência nas atividades do seu dia a dia (CAVALCANTE, 2017). O TEA é um transtorno que não tem cura, mas seus sintomas podem ser diminuídos com intervenções precoces, por isso seu diagnóstico prematuro é tão importante (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

OBJETIVOS - Identificar as práticas e dificuldades docentes nas aulas de educação física que apresentam alunos com diagnóstico de TEA na rede pública de ensino da cidade de Tocantinópolis-TO. **MÉTODOS** – Esta investigação se caracteriza como observacional do tipo transversal, descritiva e de abordagem qualitativa e quantitativa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos através da Plataforma Brasil sob o número de CAAE: 32229020.0.0000.5519. Todos consentiram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes foram docentes das escolas municipais e estaduais de ensino da cidade de Tocantinópolis- TO. Visitou-se todas as 24 escolas da cidade (zona urbana e zona rural), sendo nove estaduais e 15 municipais. Destas, sete escolas expuseram ter alunos com diagnóstico de TEA e apresentaram os 10 professores que trabalhavam com a Educação Física. Apenas um professor não aceitou participar da pesquisa e foi excluído da amostra. Os dados foram coletados utilizando de um formulário

constituído com perguntas abertas e fechadas. Utilizou-se a escala *Phrase Completion*, com escala de 11 pontos (0-10) onde mede de maneira correta, tendo validação sobre o que está sendo investigado (JÚNIOR; COSTA, 2014). Os dados foram tabulados na planilha eletrônica Microsoft Excel 2016. Para as análises dos dados utilizou-se o software SPSS v. 22. Foram conduzidas análises descritivas (percentual, média, desvio padrão). **RESULTADOS** – Totalizou-se nove professores (três homens e seis mulheres) com idades de $41,78 \pm 7,72$ anos; tempo de docência $15,89 \pm 9,11$ anos e $7,11 \pm 7,27$ anos atuação na escola. Destes, sete realizaram suas graduações em instituições públicas e dois em instituições privadas. Três são formados em Educação Física, dois em Normal Superior e quatro em Pedagogia. Sete são graduados e dois especialistas. Apenas dois professores relataram ter uma disciplina durante sua graduação que abordou a temática do TEA. Apenas um professor afirmou ter participado de palestras que abordaram o TEA durante a sua graduação. A maior parcela dos professores (82%), apontaram sua qualificação para trabalhar com os alunos com TEA como razoável ou ruim. 67% disseram não ter tido preparação para trabalhar com alunos com TEA após a graduação e 89% citaram que seu local de trabalho não ofertou qualquer tipo de qualificações adicional. Todos classificaram como muito importante a necessidade de formação complementar. 88 % consideram a família do aluno como muito importante e 12% como pouco importante para a inclusão dos alunos nas aulas. 33% dos professores declararam não utilizar nenhuma metodologia de inclusão pois não sabem como intervir. Os que afirmaram a utilização de métodos, relataram estratégias como: a demonstração de como fazer as atividades; carinho; ter proximidade com o aluno; incentivo verbal; modificação de planos de aula e a participação na aula com o aluno. Em relação as dificuldades acerca da inclusão dos alunos com TEA nas aulas, os docentes citaram: falta de concentração, agitação, choro, agressividade, dispersão, a falta de vontade dos alunos em participar das aulas e a quantidade elevada de discentes em uma única turma. **CONCLUSÃO** – A maior parte dos professores não teve preparação ou formação adequada para trabalhar com alunos com TEA, apesar disso, nem todos tiveram dificuldades para incluir seus alunos nas aulas. Ao que parece, falhas na formação e qualificação durante e após a graduação - independente do curso - dificulta a prática docente no que diz respeito às aulas de Educação Física com esses alunos. Apontamos como limitação do estudo a escolha de investigar apenas os professores que tinham alunos já diagnosticados com TEA. Observou-se durante as coletas que muitos discentes apresentam suspeita do TEA, porém ainda sem o devido laudo médico. Por fim, sugerimos a ampliação de parcerias entre escolas e secretária de saúde do município na tentativa de avaliar todos os alunos com suspeita de TEA. Indica-se também, maior proximidade entre universidade; comunidade e escolas a partir da oferta cursos; projetos de pesquisa e extensão acerca do TEA, logo, os cursos seriam abertos aos professores e comunidade, para, desta forma, incluir os futuros profissionais, gestores da saúde, familiares e alunos.

Palavras-chave: Transtornos Mentais; Transtornos Globais do Desenvolvimento; Educação Física; Professores.